

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM DIÁLOGO COM ROUSSEAU E FOUCAULT

Vicentina Oliveira Santos LIMA¹
UNIUBE

RESUMO

Este artigo é uma síntese feita a partir de uma pesquisa bibliográfica de filosofia comparada em educação. Versa sobre dois tipos de pensamento pedagógico desenvolvidos, respectivamente, por Jean - Jacques Rousseau (1712-1778) e por Michel Foucault (1926-1984) nos quais se faz uma leitura de suas propostas pedagógicas à luz do materialismo histórico - dialético. Rousseau foi um típico filósofo do XVIII, e Foucault do século XIX. Ainda que não fossem homogêneos nas idéias a respeito do homem e da sociedade posto que Rousseau com sua obra tece uma crítica à sociedade francesa da época, uma monarquia autoritária com privilégios às classes dominantes. Rousseau defendia a educação como uma forma de tornar o homem livre, preparado para viver em sociedade. E Foucault uma sociedade constituída nos moldes da modernidade com mudanças já concretizadas e mudanças em andamento, e uma sociedade que massacra e aliena o sujeito. Como representante do estruturalismo, Foucault problematiza indivíduo e as relações de força e a formação educacional. Este artigo tem como objetivo discutir o pensamento pedagógico de Michel Foucault obra de Rousseau, sobretudo na figura do preceptor do Emílio e a função-educador. Tem como referencial teórico Emílio ou da Educação e Foucault e a Função - Educador cujo objetivo é a partir da análise dessas obras, suscitar a crítica para que uma nova síntese seja a norteadora do conhecimento e da formação de professores. Propõe a discussão dos trabalhos como formação de professores numa perspectiva reflexiva prática em que a reflexão- na- ação e reflexão sobre a ação são primordiais no processo ensino aprendizagem o qual pode possibilitar uma leitura de ação e reflexão.

Palavras-chave: Pensamento Pedagógico. Naturalismo. Formação de Professores. Rousseau. Foucault.

¹ Mestranda Mestrado em Educação – vivisocial2004@yahoo.com.br

Introdução

A grande importância do pensamento de Rousseau na figura do Emílio e do pensamento de Foucault professor na função-educador contribuem para a formação de professores no trabalho com a criança e o fazer em sala de aula. Os grandes desafios da educação moderna requerem novas pesquisas sobre a prática do professor em especial o professor da educação infantil. As possíveis contribuições que esses pensadores trouxeram para a formação de professores na atualidade podem resultar em uma atenção especial à criança em seu desenvolvimento e no processo ensino-aprendizagem. O movimento Escola Nova como exemplo valoriza as relações construtivas da infância em seu relacionamento com a natureza de forma a desenvolver os sentidos, assim como o constante repensar da prática educativa do professor.

Na primeira aproximação, cujos resultados são apresentados neste texto, foram examinadas obras de Rousseau e Foucault, que escreveram trabalhos especialmente dedicados ao tema. Do primeiro, temos o “*Emílio ou da Educação*” e, do segundo, Foucault e Função – Educador. O pensamento de Foucault interpretado por Carvalho (2010) no qual Foucault propõe a discussão sobre a função – educador na perspectiva do déficit pedagógico e a formação subjetiva. O estudo tem como pressuposto a grande importância do pensamento de Rousseau na figura do preceptor do Emílio e do professor da educação moderna e as possíveis contribuições que esse pensador do século XVIII pode ter dado aos pensadores educacionais nos séculos XIX e XX. Nesse sentido, ao relacionar os princípios pedagógicos de Rousseau e os saberes necessários à formação do educador de Foucault, observam-se alguns pontos em comum. A preocupação com a criança e sua educação natural, o respeito ao seu desenvolvimento no pensamento de Rousseau, a preocupação com o sujeito e suas particularidades, em sua singularidade e subjetivação no pensamento de Foucault coloca o aluno em lugar de centralidade na relação professor aluno como sujeito livre e autônomo em seu processo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que nos permite analisar que o professor precisa perceber esse sujeito de acordo com as suas necessidades. O pensamento pedagógico de ambos os autores, apresenta-se relevante para pensarmos as relações ensino-aprendizagem delineando vínculo com a práxis educativa na atualidade, pertinente a qualquer contexto ou nível de ensino na concepção da formação humana por meio da realização pessoal.

Para tanto, pesquisadores como BATISTA (2010); CUNHA (1996); BERTRAN (2013) entre outros estudiosos da obra de ROUSSEAU são demarcadores desse artigo. O pensamento de FOUCAULT aqui representado por CARVALHO (2010) e VEIGA-NETO (2007). Rousseau foi um típico filósofo do XVIII, e Foucault do século XX. Ainda que não

fossem homogêneos nas idéias a respeito do homem e da sociedade posto que Rousseau com sua obra faz uma crítica da sociedade francesa daquela época uma monarquia autoritária com privilégios às classes dominantes. Rousseau defendia a educação como uma forma de tornar o homem livre, preparado para viver em sociedade. E Foucault uma sociedade constituída nos moldes da modernidade com mudanças já concretizadas e mudanças em andamento uma sociedade que massacra e aliena o sujeito. Como representante do estruturalismo, Foucault problematiza as relações de forças no interior do Estado capitalista e a função de educador e a sujeição e experiências de subjetividades ativas na formação humana.

O marco teórico dessa pesquisa encontra base fundante na teoria crítico- dialética, de acordo com Gamboa (2008) é capaz de atribuir um status específico e um valor diferenciado à educação na relação com a sociedade, de tal maneira que dependendo da conjuntura, a educação pode ser um agente transformador da sociedade. Ao mesmo tempo em que a sociedade determina os processos educativos, também é dinamizada pelas ações educativas “libertadoras” ou “transformadoras”. Tais ações serão tanto mais transformadoras quanto melhor articuladas estejam com outras ações provenientes de outras formas de organizações sociais (movimentos da sociedade civil, organizações de classes, partidos políticos etc.), constituindo dessa forma uma conjuntura favorável às transformações à medida que as correlações de forças apontem para a mesma direção.

De acordo com Fachin (2006), a pesquisa bibliográfica é uma fonte inesgotável de informações de informações, pois auxilia na atividade intelectual e contribui para o conhecimento cultural em todas as formas do saber. Entende-se que a pesquisa bibliográfica é um conjunto de conhecimentos reunidos obras da natureza. Ela se fundamenta em vários procedimentos metodológicos, desde a leitura até como selecionar , fichar, organizar, arquivar, resumir o texto; ela é a base para as demais pesquisas.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica possibilitou a apreensão do conhecimento através das obras dos autores pesquisados, e a partir, de uma reflexão crítica a elaboração de uma síntese norteadora de uma nova visão de mundo.

1-UMA BREVE SÍNTESE SOBRE: A Vida e obra de Rousseau e Foucault

Em sua obra CUNHA (1996) assim retrata a vida e obra de Jean - Jacques Rousseau (1712-1778) nasceu em Genebra, na Suíça, filho de um culto relojoeiro. Órfão de mãe muito cedo, foi criado pelos tios. Com 16 anos abandonou Genebra e foi para Annecy, na Sabóia (Reino da Sardenha), onde passou a viver numa espécie de pensionato para jovens. Aí se converteu convidado a escrever verbetes para a *Enciclopédia*, entre eles o de economia

política. Rousseau escreveu o *Discurso sobre as ciências e as artes* para o concurso da Academia de Dijon, obtendo efetivamente o primeiro prêmio (1750). Mas foi com o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, escrito para o mesmo propósito, que, embora não alcançando o mesmo resultado, veio a ter reconhecimento editorial (1755). Seu sucesso se estendeu à literatura de ficção, com *Júlia ou a nova Heloísa* (1761). Rousseau havia se transformado, então, no autor da moda em Paris. (“Emílio“ apud CUNHA, 1996).

Rousseau preocupado com a educação e questão política no cenário da França do século XVIII, contribui com ideias germinadas no segundo discurso foram desenvolvidas no *Contrato social* e em *Emílio ou da educação*, ambos publicados em 1762. As reações contra essas duas obras foram tremendas, e de diferentes lados, inclusive de seus amigos filósofos e do clero, que desfechou ataques contra quem consideravam um inimigo da ordem pública (isto é, da monarquia) e da religião. O Parlamento de Paris condenou *Emílio* à fogueira e o autor à prisão, de que escapou fugindo, sendo acolhido por David Hume na Inglaterra (1766). Embora o segundo discurso tivesse sido dedicado à cidade de Genebra, cujos cidadãos e magistrados foram elogiados pela liberdade de que gozavam e pela sabedoria com que geriam os negócios públicos; embora, ainda, Rousseau tivesse sido entusiasmamente recebido em sua cidade natal em 1754, *Emílio* foi também aí condenado. Em 1767, Rousseau recebeu autorização para retornar à França ao catolicismo (era protestante de origem) e completou sua formação humanística. Em 1741, então com 29 anos, mudou-se para Paris, onde passou a manter-se dando aulas de música e copiando partituras, atividade que exerceria até o fim da vida CUNHA (1996).

Rousseau, já no século XVIII defendia a importância de uma boa educação, não se deteve em provar a má qualidade da educação daquela época. Propôs observar apenas que há muito tempo os renascentistas protestavam contra a prática estabelecida sem que ninguém se preocupasse em propor outra melhor. Tendo a criança como sujeito central em condição de aprender, o sujeito sobre o qual se deve agir, a partir da sua obra “Emílio” ou da Educação vai contestar a estrutura política, religiosa e pedagógica através de um novo olhar sobre a criança que irá resultar em um ser humano, educado para viver em uma sociedade democrática. A parte sistemática de sua observação teve como método teórico o empirismo, inspirado no naturalismo da educação.

Para Rousseau, o importante é não forçar a criança, em seu desenvolvimento natural, respeitando as suas necessidades ao mesmo tempo estimulando suas potencialidades. A relevância da obra de Rousseau para a educação contemporânea consiste na busca de soluções

para os problemas da área educacional que o Estado moderno de várias partes do mundo enfrenta em busca de saídas para a melhoria da qualidade processo de aprendizagem, ao preceptor cabe a tarefa de observar a criança, e não forçá-la, como exemplo ele busca na natureza explicar que não cabe ao professor impor à criança aquele conteúdo que ela ainda não requereu em seu desenvolvimento. Ele recomenda que no processo de aprendizagem da criança até a idade adulta sejam observadas as “idades da natureza” – o bebê (infans); - de 2 a 12 anos (puer); - de 12 a 15 anos a “idade da força”; - de 15 a 20 anos “a da razão e das paixões”; de 20 a 25 anos “a idade da sabedoria e do casamento”.

No trabalho com o aluno, o professor deve respeitar a natureza da criança que se coloca diante dele, quando se insere na escola, o mundo da criança que é construído inicialmente na família, constituído e inspirado no naturalismo. Neste trabalho, em primeiro lugar o professor deve perceber o aluno na sua integralidade, na sua dimensão humana, como se dá o processo de aprendizagem. Na concepção de Rousseau a relação do preceptor com o pupilo a ação pedagógica está fundamentada em uma base que realça o papel da educação na formação da criança até que se torne adulto preparado para a convivência coletiva. Uma formação para além dos conteúdos disciplinares que envolvem os princípios éticos e morais em decadência na sociedade renascentista do século XVII, a qual Rousseau criticou e repudiou ao escrever sua obra *Emílio ou da Educação*. O livro não pode ser considerado como um tratado de educação ou um manual de pedagogia conforme esforçara Rousseau naquela época.

A ação pedagógica de Rousseau com o advento do “*Emílio*” consistiu no desencadeamento do questionamento do modelo de educação vigente naquela época, na forma de como as crianças eram tratadas, até mesmo na relação com os adultos na França do século XVIII era de inferioridade. A criança era educada conforme a vontade dos pais e de acordo com os interesses da classe dominante. A proposta de educação formulada no “*Emílio*” está vinculada a um processo pedagógico com métodos diferentes daqueles já existentes.

Para a formação de professores um olhar crítico daquela sociedade para a sociedade atual em especial para a educação infantil é importante como base teórica para perceber que Rousseau trouxe uma mudança de paradigma na educação daquela época, que pode ser também aplicado na educação básica nos dias de hoje.

Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo francês, um dos maiores pensadores contemporâneos. Possui grande influência junto ao meio intelectual no ocidente. Nasceu em Poitiers, uma pequena cidade francesa. Diplomou-se em psicologia e filosofia. Ensinou filosofia em Universidades francesas e obteve a cátedra com o tema "história dos sistemas de

pensamento" no Collège de France. Aos 28 anos, publicou o seu primeiro livro, "Doença mental e personalidade", (1954). Mas o seu grande clássico foi "História da Loucura na Idade Média" (1961), escrito para a obtenção de seu doutorado na Sorbonne. Nessa última obra, Foucault analisou o desprezo que as pessoas tinham no século 19 pelos doentes mentais. Publicou ainda: "Nascimento da Clínica", (1966), "As Palavras e as Coisas" e "Arqueologia do Saber" (1969). Ainda deixou inacabado o livro "História da Sexualidade". Nos anos 60, Foucault estava incluso no rol dos pensadores estruturalistas, como Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes e Jacques Derrida, embora alguns autores não o considerem parte daquela escola de pensamento. Disponível em <http://www.wikipedia.com> acesso em 02.08.2013

VEIGA-NETO (2007) entende que a crítica foucaultiana à racionalidade moderna não quer jogar fora a própria racionalidade, mas sim colocar em xeque a ideia iluminista, unificadora e totalitária de Razão- pois a entende só como uma ideia, isto é, como uma construção idealista. Ao se aproximar do pensamento de Kant, Foucault se revela pela aderência intransigente e permanente à reflexão crítica racional.

Porém, alerta para o primeiro cuidado que Foucault explica não se trata de uma crítica transcendental, seja ela ancorada num outro mundo, seja ela enganchada no céu; mas sim de uma crítica que é arqueológica e genealógica.

Arqueológica- e não transcendental- no sentido de que ela não procurará depreender as estruturas universais de qualquer conhecimento ou de qualquer ação moral possível; mas de tratar tanto os discursos que articulam o que pensamos dizemos e fazemos como os acontecimentos históricos. E essa crítica será genealógica no sentido de que ela não deduzirá da forma do que somos o que para nós é impossível fazer ou conhecer; mas ela deduzirá da contingência que nos fez ser o que somos a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos (FOUCAULT, apud VEIGA-NETO p. 24, 2007)

VEIGA-NETO (2007) ainda continua discorrendo sobre o pensamento de Foucault, o racional em Foucault, não é um apriori. A crítica racional foucaultiano não é tomada como queria Kant, como caminha para a dignidade e para uma suposta maioria humana, senão que é tomada como um *ethos* "como uma atitude filosófica e cotidiana que precisa de permanente reativação". Esse *ethos* leva a uma atitude de permanente *que* reflexão e a transgressão Foucault chamou *de atitude-limite*, ou seja, uma atitude não de negação, mas de colocar sempre nas fronteiras tentar ultrapassá-las, ir adiante dos limites que parecem impor a nós. O *ethos* fica bem claro quando o próprio filósofo diz que o pensamento crítico implica "uma verificação constante". FOUCAULT apud VEIGA-NETO, 2007).

Nesse sentido, Foucault contribui para a formação de professores no entendimento das relações entre a escola e a sociedade, entre a pedagogia e a subjetivação moderna, entre os dispositivos disciplinares e as configurações atuais do controle e da soberania. O professor ao adotar um pensamento crítico em sua prática docente deverá ultrapassar o limite da racionalidade que está posta ao tratar o sujeito como um produto resultante de sociedade, buscar adotar uma prática que ultrapasse a ideologia reinante de um sujeito massificado.

A esse respeito, CARVALHO, (2010) é possível vislumbrar nas análises de Foucault a respeito das práticas da cultura em si uma ligação genealógica com certos domínios que ainda persistem na formação humana, cuja finalidade está relacionada com um jogo social e político assim descrito por FOUCAULT

“em torno da questão de si mesmo, de sua própria dependência e independência de sua forma universal e do vínculo que se pode e deve estabelecer com outros, dos procedimentos pelos quais se exerce seu controle sobre si próprio e da maneira pela qual se pode estabelecer a plena soberania sobre si mesmo” (FOUCAULT, apud CARVALHO, p. 41, 2010).

O professor educador deverá romper com concepção da formação do sujeito conforme a pastoral cristã e considerar a função de uma formação capaz de finalizar a um tipo de sujeito capaz de colocar em movimento práticas subjetivantes, mesmo que fossem a partir de experiências extremamente heterogêneas. (Ibid.).

2- A Formação do pensamento pedagógico uma abordagem em Rousseau e Foucault

Para Rousseau o processo de ensino e aprendizagem deve ser construído na infância e ter como base a educação natural e não nos ditames da sociedade. Na relação preceptor e educando, construída através do “Emílio”, Rousseau recomenda respeitar a criança em seu mundo, estimular o seu desenvolvimento cognitivo e moral, para que possa na vida adulta participar das decisões construídas pela vontade geral.

Por essa razão, podemos perceber que “Emílio” pode contribuir para melhorar a educação infantil atual principalmente na formação de professores. Apesar dos grandes avanços tecnológicos que acarretaram várias consequências para a educação e por isso devemos pesquisar e repensar a educação infantil.

A educação infantil deve possibilitar que a criança seja educada para pensar e não somente reproduzir o que já está configurado pela sociedade. Não tornar-se um ser sem limites, sem liberdade e sem condições morais.

Cabe ao professor (preceptor /Emílio), prestar atenção na criança e despertar nela o interesse para os conteúdos e temáticas trabalhadas e deixar que desenvolva sua potencialidade, e que tenha interesse em aprender, e deve iniciar logo na infância.

A contribuição que o “Emílio” traz para a educação infantil consiste em uma nova forma de pensar a infância e através da educação natural de Rousseau, e entender que a educação consiste em processo contínuo que deverá começar desde o momento em que a criança vem ao mundo. Perceber as necessidades da criança é tarefa do adulto garantido a sua sobrevivência, ao mesmo tempo em que a educação natural na infância venha complementar o desenvolvimento da sua potencialidade, a formação de valores morais como princípio fundamental para a integração e participação ao convívio social.

Foucault e a Função – Educador: sujeição e experiências de subjetividades ativas na formação humana obra de Alexandre Filordi de Carvalho, (2010) traduz o pensamento de Foucault e trata da genealogia das experiências voltadas para a formação de sujeitos históricos. O autor acredita haver um déficit pedagógico na formação subjetiva e que todo o processo de sujeição relaciona-se com experiências humanas e históricas circunscritas a determinados campos de possibilidades de se pensar, fazer e ser.

Em relação à formação da história ocidental Foucault considera haver confluência de experiências que, dentro de inúmeros jogos de ligações, torções e distensões de forças, que dominaram e ainda dominam o cenário histórico das práticas pedagógicas que balizam e cortam, quase que maciçamente, as possibilidades de ensino e aprendizagem. É possível interpretar no pensamento de Foucault um discurso contestador contra a imposição da sociedade na formação histórica do indivíduo e a defesa de promover novas formas de subjetividade. Nesse sentido, o educador em sua função, deverá romper com o jogo de forças que predominam nas constituições subjetivas instaladas nas relações pedagógicas conservadoras.

Ainda nesse sentido, Foucault evidenciou que no contexto da formação grega socrático-platônica e neoplatônica havia um “déficit da pedagogia” “*A hermenêutica do sujeito*” (2001b, p.84). Entendida como a incapacidade e insuficiência de toda pedagogia instalada, de fato, de atuar na formação do caráter ativo entre a adolescência e a entrada na vida adulta do indivíduo.

Foucault representante da filosofia contemporâneo e o educador um campo conceitual como ferramenta, na constituição e relação subjetivas no que diz respeito a sua função – educador. Levar a voz de Foucault à Educação (Sílvio Gallo, apud Carvalho, 2010).

Como filósofo representante do estruturalismo, segundo Gamboa (2008) interpreta os fenômenos à luz de seus entornos e das estruturas ocultas. A escola e a educação podem ser compreendidas, não pelas aparências ou pelo currículo oculto, nos valores nas ideologias, nos mecanismos de poder implícitos nas relações pedagógicas.

Nesse sentido podemos entender que a educação sempre esteve determinada pelos mecanismos ocultos, pelas estruturas de poder, sociais e econômicas e pelos valores dominantes. Determinantes que deverão ser considerados pelo professor, ao adotar uma postura capaz de romper com esses determinantes, em que o sujeito em suas particularidades, seja considerado autônomo e respeitado em sua singularidade.

O estatuto do educador pressupondo ser ele um determinado tipo de sujeito, em uma função – sujeito, mas também uma ontologia aberta: sujeito a vir-a-ser; sujeito que afronta o próprio sujeito. Porém a formação humana e as relações de governo, encontra-se subordinada a um conjunto de forças e que leva o indivíduo a ser dependente de uma condição externa a si próprio, sempre relacionada a um condutor formador, cuja presença passou a ser efetivada em todos os campos da vida. O jogo da dependência para Foucault é o revigoramento da perspectiva aristotélica chave fundamental das relações de poder presentes na educação que persiste até os dias de hoje. A possibilidade de ensinar é indício de saber. O sujeito nesta perspectiva é incapaz de tomar conta de si o rumo de sua vida, sempre dependente do governo de quem a conduz, numa relação que Foucault a de ovelha-pastor, é a base fundamental no ocidente, de uma “relação pedagógica”, que se tornou “esta passagem que vai daquele que sabe mais àquele que sabe menos” FOUCAULT, apud CARVALHO, p. 55, 2010).

FOUCAULT, ao definir e situar o educador notadamente o que se encontra no âmbito da docência, numa função capital da tecnologia política ou da dimensão saber-poder, subrepticamente vinculada ao viés das relações políticas e de condução, assim argumenta “o professor governa”. No entendimento de CARVALHO (2010), Foucault situa o professor justamente numa esfera do uso, da aplicação e mutação de forças em relação ao outro, ou seja, refere-se aos domínios da educação enquanto ferramenta que passa pelas mãos de um professor, que de um modo bem simples, estão distribuídos e arranjados em “relações de governo”, isto é, “de condução que podem se estabelecer entre os homens (Ibid. p. 57).

Nesse sentido, podemos considerar que a relação preceptor-pupilo em “Emílio” recomendada por Rousseau, permite uma aproximação com o pensamento de Foucault no sentido de poder conduzir através do saber a criança sujeito em sua formação humana.

De forma distinta, ambos reconhecem haver uma influência externa ao sujeito e na criança exercida pela sociedade que interfere na formação humana. Interfere de forma

negativa, Rousseau considera que a sociedade corrompe a criança, que em seu estado natural nasce boa, Foucault entende que massifica, impede a subjetivação do sujeito.

O pensamento pedagógico de Rousseau divulgado no livro “Emílio” ou da Educação coincidiu com a Revolução Industrial, então em curso na Inglaterra, e pôde assistir a todas as consequências que acarretava para o advento de um mundo novo. Diante desse fato, o filósofo, que não prezava o mundo feudal, buscava retardar e se prevenir diante das mudanças ameaçadoras que se anunciavam. Manifestava um marcante pessimismo, que se expressa na idéia que permeia seus trabalhos, a de que o homem é naturalmente bom, a sociedade é que o corrompe. Como também na surpreendente primeira frase de uma obra pedagógica: “Tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem” (*Emílio*, apud CUNHA, 1996). No entanto, seu pensamento acabou por ser adotado por quem queria acelerar a destruição do mundo feudal e a construção da sociedade capitalista. De fato, mais do que um ideólogo datado, Rousseau deu à história das idéias uma importante contribuição, inclusive para o nascimento da sociologia CUNHA (1996).

ROUSSEAU (2004) ao definir a vida em sociedade entende que a vida em sociedade aprisiona o homem, em sua constatação ele afirma: “O homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros. O que se crê senhor dos demais, não deixa de ser mais escravo do que eles”. Nesse sentido FOUCAULT apud CARVALHO, 2010), acredita na concepção de que o homem é conduzido por um controle externo que o impede de conduzir a própria vida. Essa ordem social aprisionadora não se origina na natureza, mas se funda em convenções. Só a família, a mais antiga de todas as sociedades, é natural e não resulta de convenções. Ela é o primeiro modelo das sociedades políticas, estas sim criadas por convenções. A convenção fundamental, o *contrato social*, é apresentada por Rousseau não como uma certeza nem como um axioma, mas como uma suposição — uma hipótese de trabalho. Assim, ele inicia o capítulo sobre o pacto social: “*Suponhamos* os homens chegando àquele ponto em que os obstáculos prejudiciais à sua conservação no estado de natureza sobrepujam, pela sua resistência, as forças de que cada indivíduo dispõe para manter-se nesse estado. Então, esse estado primitivo já não pode subsistir, e o gênero humano se não mudasse de modo de vida, pereceria” CUNHA (1996).

O Estado para Rousseau é uma pessoa moral, que consiste na união de seus membros. Sua maior preocupação é com a conservação desses membros, para o que precisa dispor de uma força universal e compulsiva para mover e dispor cada parte de maneira mais conveniente a todos. “Assim como a natureza dá a cada homem poder absoluto sobre todos os seus membros, o pacto social dá ao corpo político um poder absoluto sobre todos os seus, e é

esse mesmo poder que, dirigido pela vontade geral, ganha, como já disse, o nome de soberania” CUNHA, (1996).

No pensamento de Foucault o conceito de Estado descrito por Veiga-Neto (2007) é assim interpretado: o uso da expressão governo para Foucault é entendida de forma dupla e anterior à captura que a Ciência Política faz do termo a partir dos séculos XVII e XVIII, tendo o sentido de dirigir as condutas de indivíduos e grupos, governar as crianças, as mulheres, a família, etc. Entretanto, este significado mais remoto foi sendo apropriado pelo Estado, na medida em que as relações foram paulatinamente governamentalizadas. Assim, Foucault denomina de governamentalidade o caráter governamental assumido pelo Estado moderno.

Para Rousseau, ao professor na figura do preceptor caberia a tarefa de pensar a educação como um processo formativo da criança de modo independente, no qual a criança seja capaz de descobrir o caminho natural e não naquela educação imposta pela ação do adulto ou adultos em forma de coletividade. Para que a criança se torne um sujeito humano ético e político deve ser educado logo na infância, tendo como base a educação natural que compreende também a relação da criança com a família. Através do “Emílio” Rousseau descreve o desenvolvimento cognitivo e moral observado na criança logo na infância. De forma enfática recomenda que é preciso respeitar a criança em seu mundo, e conduzi-la a vida adulta, para participar das decisões em sociedade.

BATISTA (2010) entende que as ideias pedagógicas de Rousseau ainda são fontes de pesquisa e base para a formação de professores na atualidade, uma vez que em sua obra “Emílio ou da Educação”, Rousseau defendia a educação como formadora de um ser humano virtuoso, ou seja, um cidadão para conviver em um regime democrático.

3-Considerações Finais

Nesse tempo presente, Emílio ainda retrata para os professores a importância da educação e na formação da criança como um grande desafio a ser conquistado. Pois, o compromisso de Rousseau como preceptor em respeitar a criança, a educação de Emílio tem só um objetivo: formar um homem livre, capaz de se defender contra todos os constrangimentos. E, para formar um homem livre, é preciso tratá-lo como ser livre, respeitar a liberdade da criança.

No pensamento de Foucault uma herança para gerações futuras conceitos ontológicos para o formador-educador, cujo objetivo único é a formação humana. O respeito ao sujeito e às suas experiências de subjetividades ativas na formação humana.

Para os professores as obras pesquisadas constituem em uma base teórica para a compreensão da infância no cuidado que a criança requer em seu processo de aprendizagem para que se torne um sujeito adulto capaz de se defender das armadilhas que descaracterizam o sujeito em função de uma maioria dominadora, cujos interesses são determinados conforme os aspectos políticos, econômicos e sociais. O próprio professor é também refém dessas mesmas armadilhas, na medida em que ele reproduz através de uma relação de poder o controle que lhe é outorgado na função que desempenha em sala de aula. Poder esse que emana da função autocrática que ele desempenha creditado pelo Estado. Sempre numa relação de poder que consiste no que ensina e no que aprende.

No entanto, na função - educador o professor poderá inovar, e romper com essa relação de poder, ao se colocar na condição de educador que aprende com o educando, para que essa relação de poder seja mais democrática, mais justa e privilegie o sujeito com sendo o próprio ator de processo de aprendizagem.

Por outro lado, o sujeito assim educado, poderá contribuir com a vontade geral, e para uma sociedade mais justa, além de sujeito livre para pensar, agir e participar. Diante dos grandes dilemas porque passa a sociedade moderna, um indivíduo com a formação humana de que Rousseau defende com base nos princípios éticos e morais, poderá através da educação colaborar para mudanças de paradigmas que colocam o homem na condição de sujeito alienado, massificado à parte da vida em uma sociedade democrática, onde o cidadão é parte do todo, constitui-se em uma unidade que integra a totalidade, e portanto, não pode ser excluído da participação na sociedade.

O professor na perspectiva de Foucault deverá desenvolver uma observação centrada nas demandas do aluno, através de uma escuta baseada no respeito ao sujeito e suas subjetividades para sua formação humana, para que ele possa alcançar sua liberdade enquanto sujeito integrante de uma sociedade que lhe permita realizar-se como ser na sua totalidade.

Alinhavando os pensamentos de Rousseau e Foucault, o importante é que a criança deverá ter uma atenção especial, a educação deve iniciar na infância pautada em princípios éticos e morais para que se torne um adulto equilibrado, capaz de dirigir a própria vida. E quando adulto, preparado para a vida em sociedade sem se deixar, manipular pelas forças externas consideradas por Foucault como sendo heterogêneas, e que exercem um controle na maneira de ser do indivíduo.

Nesse caso, a educação tem um papel importante na vida do sujeito, capaz de transformá-lo em um sujeito crítico o bastante para não se deixar massificar.

Para tanto, a formação de professores deverá passar por uma reavaliação da educação que se ensina nas escolas e também das reais necessidades e dificuldades que os professores enfrentam no dia a dia com o aluno em sala de aula. Considerando as diversidades culturais que os alunos representam sujeitos distintos, sujeição e experiências de subjetividades específicas e cada criança, que deverá ser levadas em consideração, e respeitadas de acordo com suas necessidades. Uma habilidade que requer do professor uma formação fundamentada na concepção de que a criança, o sujeito adulto carrega em si um contexto sócio-econômico e cultural.

Para além, da função de professor ou de preceptor, a formação humana passa pela educação transformação do sujeito em pleno cidadão, ativo e participante na vida em uma sociedade democrática.

Referências Bibliográficas

BATISTA, Gustavo Araújo. O Naturalismo e o contratualismo em John Locke em Jean-Jacques Rousseau Curitiba, PR: CRV, 2010.

BOBBIO, N. ESTADO, GOVERNO, SOCIEDADE. Para uma teoria geral da política. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1987.

CARVALHO, A. F. Foucault e a Função - Educador. Sujeição e Experiências de Subjetividades Ativas na Formação Humana. Unijuí, Ijuí, Rio Grande do Sul, 2010.

CUNHA, L. A. Sociedade, Estado e educação. Notas sobre Rousseau, Bonald e Saint- Simon. Revista Brasileira de Educação, n.1, 1996.

FACHIN, O. Fundamentos de Metodologia. Saraiva, São Paulo, 2006.

GAMBOA, S.S. PESQUISA em EDUCACACÃO métodos e epistemologias. Argos. Chapecó, 2008

ROUSSEAU, J. -J. Emílio ou Da Educação tradução Roberto Leal Ferreira- 3ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VEIGA-NETO, A. Foucault & a Educação 2 ed. Belo horizonte, Autêntica, 2000